

Boa tarde, pessoal. Quero agradecer e dizer que, realmente, estou bastante feliz de pensar que lá em 2020, no Paky'Op, a gente começou a discutir esses processos virtuais. Trazemos à tona, no primeiro momento da pandemia, essas discussões e agora, dois anos depois, podemos analisar todos esses processos. Estar com esse livrinho na mão, que querendo ou não traz todos esses processos. Eu me apresentei naquele evento organizado pelo Luiz [Lerro], no 19Distâncias, em junho, imagino que foi no dia 19 de junho, não era, Luiz? [Luciano Oliveira responde] “- 19 de junho de 2019”. [Júnior Lopes retoma a fala]. Em maio, antes do 19Distâncias, eu lancei o meu trabalho e comecei a apresentar o “Chá Comigo”. [Junior Lopes é interrompido com a chegada de Andréia Paris que havia saído da sala por falta de conexão. Andréia termina a sua fala e Júnio Lopes retoma a sua].

Então, eu posso recomçar sim. Mas diferente, né? Primeiro, eu queria ver quem é que está aqui nesta sala conosco. Escrevam aí no *chat* em quais cidades vocês estão. Alguns eu sei que são daqui de Porto Velho, mas tem outros que não. Eu gostaria de saber quem é que está aí do outro lado. Pode escrever ou até mesmo falar em áudio, ligando o microfone. Lá do Ceará eu não sei quem são. Temos quatorze aqui na sala. Este é o primeiro momento. [Júnior começa a ler as mensagens do *chat*]. “- PVH city, Londres”. Que bom! “- Moreilândia, Pernambuco. Crato, Ceará...”. Isso é bom para acordar! “Drinks”... As brincadeiras que estão rolando por aí, não é, Júlio César? [Risos].

Então, pessoal, eu sou o Júnio Lopes, daqui da Universidade Federal de Rondônia, do Departamento de Artes. Eu cheguei em Porto Velho pelo Departamento de Letras. Minha formação é em Letras Hispânica, Letras/Espanhol, e sempre atuando no Teatro Latino-americano, Teatro Espanhol. Essa é a ênfase que eu dei em minha graduação. Já no mestrado em Estudos Literários, Literatura e outros Sistemas Semióticos, pela UFMG, foi onde eu trabalhei com teatro argentino, chileno e brasileiro, no campo da dramaturgia e da encenação com os textos teóricos do orientador do Luiz, o Marco De Marinis, lá em Belo Horizonte.

Cheguei aqui em Porto Velho em 2008 e assumo o cargo como professor no Curso de Letras/Espanhol. Entre 2008 e 2009 fiquei com o processo para criação do Departamento de Artes. Em 2010 conseguimos aprová-lo pelo REUNI, com os cursos de Teatro, Artes Visuais e Música. Foi uma conquista naquele contexto. No mesmo esquema da Universidade Regional do Cariri. Quando esse departamento abriu, eu migrei para ele, para iniciar os processos de concursos, contratações, aquelas coisas todas. Eu costumo dizer que eu saí de um departamento estruturado, com dez professores, tudo tranquilo, para entrar num outro que só tinha eu debatendo comigo mesmo, para poder me virar e dar conta das coisas acontecerem. Luciano, Luiz

1 Comunicação realizada no dia 06 de julho de 2022, às 15h00, horário de Brasília, de forma *on-line*, via Zoom, dentro do Módulo 2: *Espaços que (Des)Virtuam*, o tema “”, bem como lançou um livro homônimo à temática. A mediação foi de Luciano Flávio de Oliveira, professor do mesmo curso e universidade.

2 Professor Adjunto da Universidade Federal de Rondônia (desde 2008) atuando no Curso de Licenciatura em Teatro do Departamento de Artes. Doutor em Artes Cênicas: Mito-drama: Processos de Ensino e Aprendizagem de Teatro com Indígenas de Rondônia e possui Mestrado em Letras/ Estudos Literários - Literatura e outros sistemas semióticos: teatro contemporâneo Latino americano pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduação em Letras/Licenciatura em Espanhol pela Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Letras e Artes atuando principalmente nos seguintes temas: pedagogia do teatro, literatura e ensino de língua. Diretor da Cia. Peripécias de Teatro. Possui Capacitação/Residência Artística em Beirute, Líbano (2018). Atualmente pesquisa Teatro e Guerra: paralelos entre o Oriente Médio a América Latina

e companhia ilimitada chegaram em 2014. Nós tivemos aí um período anterior de duras penas para esse departamento.

E, bem, fiz o doutorado na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em Processos de Ensino e de Aprendizagem com Indígenas, que era o tema, na linha de Processos Educacionais em Artes Cênicas. Eu trabalhei aqui também com indígenas, com teatro com indígenas, entre 2009 e 2015. Trabalhei com 157 indígenas. Fui responsável pelo Projeto Açaí, com formação do Ensino Médio, tipo um Magistério para professores indígenas. Eu era o professor de Artes deles, como se fosse o Ensino Médio. Então, a UNIR me liberou para fazer esse trabalho nesse período também. Eu atuei como professor de Artes para o Ensino Médio, Magistério para indígenas. Essa experiência acabou sendo o meu doutorado também. E tudo isso para poder entrar nessa questão, que é o Neteatro, que é este livro que eu trago agora. Eu falarei dele. Tem ainda o e-book que compartilharei com vocês. O livro físico, para quem estiver aqui em Porto Velho, pode pegar comigo, pois é gratuito, porque foi pela Lei Aldir Blanc.

Mas, qual o porquê disso tudo? É para dizer que, o tempo inteiro, a gente se depara com situações difíceis, com forças adversas e contrariantes que aparecem, mas temos que dar um jeito. Então, já estou meio calejado e acostumado a ter que me virar. Essa é uma questão importante para pensar no virtual, para mim. Estou falando a minha opinião. De ter que me virar.

Aí eu tinha umas frases claras, durante a pandemia, que eu falei para muita gente: “A Casa Caiu”; “Aceita que dói menos”; “Nada é Sério”; “Tudo pode acontecer” e “Estamos no Zero a Zero”. Frases tradicionais, de bandido, “A Casa Caiu”; “Acabou a boca aqui, já deu”. “Isso aqui foi pego, vamos começar de novo em outro lugar”. Esse é o recomeçar, mas nunca do mesmo jeito. Como aqui, que eu estou recomeçando a minha apresentação de um outro jeito. E aí, é nessa situação que eu coloco a questão do “Aceita que dói menos”, das músicas sertanejas, que também é a realidade.

E eu a aceitei. E eu não entendo “aceitá-la” como não resistente, porque eu fui chamado: “- Ah, você é entregue, é entregue, isso assim e assado”. Justamente, a minha resistência é aceitar e propor algo dentro daquilo. Eu fui muito mal interpretado durante esse período. E eu falei isso no livro, com relação a esse processo, que tem gente que não quis tentar experienciar esse processo, não quis dar aulas de forma remota.

Eu sempre dei aula à distância, antes mesmo de chegar aqui eu já era preceptor da UNIUBE, de Uberaba, Minas Gerais, que foi a primeira universidade à distância do Brasil, com muitos cursos. É uma universidade muito antiga, com mais de cinquenta anos. E também no Departamento de Artes eu já dava aula pelo *Google Meet*. Então, eu já conhecia essa plataforma para aulas. Os alunos já tinham acompanhado comigo.

E aí, eu coloco a ideia de que tudo pode acontecer. A Andréia caiu. Eu, por exemplo, posso cair. O outro pode e tal. A internet é isso. E na vida também. Lá fora também. No palco tudo podia acontecer comigo. Tudo. A iluminação nunca deu certo no total. Tem gente que me acompanha sabe disso. O Luciano sabe disso. Sabe muito bem que os meus iluminadores sempre atrapalhavam alguma coisa, que a sonoplastia dava errado. E mil e uma coisa. E quando não, era eu que esquecia texto. Tudo pode acontecer. E no virtual é a mesma coisa. A gente tá no zero a zero. Todo mundo se deu nessa situação: a melhor *internet* pode cair, como a pior vai, e entre outras coisas. Então, todo mundo que era muito bom, muito bom ator, muito boa atriz, pode ser zero a zero no virtual, igual a qualquer outro que começou ontem e pode estar bem. Eu parti desse lugar.

Eu comecei falando que fico feliz aqui no *Paky'Op* porque a gente, no começo da pandemia, o nosso entendimento era que nós deveríamos continuar com o nosso grupo e dar um jeito de seguir. Logo, o nosso

grupo de pesquisa propôs um evento. E eu fiz um trabalho que é o “Chá Comigo em 45 dias e uma noite” pelo *WhatsApp*. E o *Paky’Op* fez um evento virtual, em junho, que foi o *19Distâncias* e eu estava lá também apresentando. Eu entrei junto com os alunos, na residência artística proposta pelo Luiz, que a gente fazia, e era fato para gente fazer, ao vivo. Esse era um fato. O Luiz colocou isso muito claro, que a gente deveria fazer ao vivo e eu já tinha batido nessa tecla que é com o *Chá Comigo*. Porque eu estava fazendo, olha, ao vivo. As pessoas estavam vendo um trabalho ao vivo. E eu considerava que estava fazendo teatro. E o povo: “- Não, isso não é teatro. Não é teatro!”. E eu falei: “- Então, tá bom, né teatro!” “Se não é teatro, é neteatro! Pronto”. E aí eu resolvi para mim uma situação muito clara: se vocês tão falando que não é: né! Não é. Né, teatro! Acabou e pronto.

Não é audiovisual mal feito, não é vídeo sem suporte, não é teatro gravado no palco. Não! É um teatro feito, ao vivo, no aqui agora, para os netespectadores, que é como eu chamo. Como tem os telespectadores, que é uma coisa. A gente tem os seguidores para os *youtubers*, que eles cancelam, e que dão *likes*. Eu não tenho seguidores. Não sou a Marília Mendonça que explodiu numa *live* dela, como a maior *live* simultânea do mundo. Que quebrou o *Youtube*, nas palavras da internet. Então, eu falei: “- Olha, se essa mulher que quebrou o *Youtube*, com a maior *live* no mundo, que bombou com a simultaneidade, não em visualizações, foi uma brasileira, será que eu não consigo pegar uns gatos pingados para me assistir? Será que esse povo todo que está assistindo, e que está vendo por aí, não vai ter alguém que poderá compartilhar comigo?” Ah, e o povo: “- Ai, é chato, Júnior, o teatro e não sei o quê, blábláblá!” Você não precisa me assistir! Não assista. Mas eu vou procurar o meu netespectador, do mesmo jeito que um *youtuber* busca os seguidores dele, e falando de qualquer coisa: de gatinhos, de receita de bolo. De qualquer coisa! Eu estava vendo aqui hoje, antes daqui, um vídeo de como fazer conserva num pote de vidro.

Se eu tenho tempo para ficar vendo coisas no *Youtube*, por que, como eu falei, não propor uma experiência no campo artístico? Quem eram as pessoas que iam para o teatro? Será que alguma não quer passar por essa experiência? Eu me perguntei. Ou: “quem são essas pessoas que estão vendo esse tanto de vídeos aí? Será que alguma delas que está já acostumada com esse formato, pode se interessar pelo o que eu vou propor?” Então, eu comecei a buscar um outro grupo que são os netespectadores. Eu pensei assim: tem os telespectadores, os espectadores de teatro... E esses aqui são os netespectadores. Ou web-espectadores como o Luciano fala. Até pensei nisso, mas tá chique demais! Quero algo mais popular: net. Então é neteatro, netespectador...Vai no povo. E web, não.

Aí eu tinha pensado assim, por esse lado, povão. E aí, gente, o trabalho que eu pego para isso é a minha personagem Zahara e eu falo, nesse livrinho aqui, que ela não quis sair de cena. Eu pergunto pra ela: “- Zahara, por que você quer continuar em cartaz?”. Essa é a minha meditação. O que eu vou continuar fazendo? [Nesse momento, Júnior lê uma passagem do seu livro].

“Eu sou uma sobrevivente. Mas que história contar? A minha. Eu sobrevivi a duas guerras. Já estive confinada no porão do prédio por seis meses com os meus vizinhos. Todos juntos esperando acabar os bombardeios. A gente não sabia quando a guerra iria acabar. Nós tínhamos duas saídas: ou nos matava ou enfrentava”.

Ela, como libanesa, sobrevivente de guerras no Líbano, respondeu isso. Ela responde isso no trabalho dela. Na dramaturgia, né? [Volta a ler] “Como vocês faziam para viver no porão?”, eu pergunto. “A música, a dança, a contação de história, a *‘hakawati’*, amenizavam a escuridão e as explosões lá fora. Os mais velhos cantavam, tocavam, dançavam e contavam histórias. A gente entrava em outro mundo, nem que seja por um instante. Estávamos vivos e queríamos continuar”. “- Você tinha medo?”, eu pergunto. [Continua lendo]

“- Sempre tem momentos de medo, de frio na barriga. Mas não podemos ficar nele por muito tempo. O medo paralisa a gente. *Auzubillah*. Deus me livre! Então, ‘*Yalla, Go*’, vida que segue”. Ela fala. Aí, eu coloco: “- Então, esse é o espetáculo, Zahara, ‘*Yalla, Go*’, vida que segue. Você vai contar pra gente como sobreviver em guerras, pra gente enfrentar essa nossa aqui”. “- ‘*Yalla, Go*’: como sobreviver em guerras e em outras sabotagens”, ela fala. “- Às vezes a gente sabota e é sabotado pelo próprio medo. Eu, Zahara Yalla, continuo em cena”.

Assim, a partir desse momento, dentro da minha pesquisa, em que eu trabalho teatro e guerra, parece que eu tive uma boa sorte. Porque, desde 2016, eu pude ir ao Oriente Médio quatro vezes consecutivas. Fiz residência artística lá. Parece que foi uma preparação para eu enfrentar a “guerra crônica”, que eu chamo. Porque, como eu vi tanta coisa por lá, pessoas começando uma guerra sem saber quando terminava, e poderia demorar quinze anos; a da Síria onze anos já (isso em 2022), e tal. Ora, o corona, para nós, é um tipo de guerra. E vamos continuar.

Então, eu propus o “Chá Comigo em Quarenta e Uma Noites”, em que a personagem Zahara apresentaria uma cartilha ao público dela. E essa cartilha foi apresentada no *WhatsApp* para três convidados, porque, no início da pandemia, quando eu comecei a apresentar, lá em maio, ninguém tinha, como a Andréia falou, não dava para esperar nada de *Google Meet*, de *Zoom*... E eu não queria *live*. Isso não tinha nada a ver com a gente e já estava muito cansativo, porque todo mundo postava *live* de tudo: reunião de condomínio, *live* de não sei o quê. E mandava *live* de qualquer coisa, como se a gente quisesse ver o privado no público.

Porque uma coisa que acontece na universidade, “uma comunicação, por exemplo”, tinha cinco pessoas lá, três, os amigos assistindo a uma comunicação. Aí, o Luciano, por exemplo, ia lá e me mandava a *live* dele apresentando. E eu não iria nem à Unir assistir! Então, eu não vou abrir esse *link*. A gente começou a ficar mandando muita coisa para os outros assistirem. Então, eu falei assim: “- peraí, eu não vou assistir a uma palestra do meu primo que é advogado. Nunca fui. Por que ele me manda isso e quer que eu vá? Aí o outro...” As pessoas começaram a se achar tão importantes, e tão cheias de coisa com *lives*, que cansou a gente. E aí eu falei, oh: “- Não mexo com *live*, porque é um palco que eu não sei quem está, tá cansativo... Então não é por esse lado. Eu quero ter um público comigo”.

Foi aí que eu escolhi três pessoas, mais a Zahara. Com isso, ficavam quatro na tela. É o que cabia no *WhatsApp* e não caía. Então, eu ficava com quatro ali. E todo mundo tinha dados, e as chamadas estavam funcionando. Os planos liberaram o *WhatsApp*, vídeos, sem cobrar pacote de dados. E eu aproveitei esse momento.

O que acontece? Eu abria um grupo no *WhatsApp*, e colocava os três convidados. Muitos deles não se conheciam. Tinham uns dois dias de conversa no grupo, a personagem conversando com eles, e marcava o horário da chamada. A Zahara fazia a chamada e apresentava a cartilha para esses três. Tinha um roteiro que ela apresentava. Tinha todo um esquema. Mas tinha também a improvisação de cada dia. Eu apresentava toda quarta e sexta, quarta e sexta. Que eu falo para mim mesmo que era uma maneira d’eu me manter vivo. Eu falava assim, oh: “- Eu estando em cartaz, não pegarei COVID. Não vou pegar corona, porque *Allah* vai me segurar aqui, porque estou querendo fazer o meu serviço”. E graças a Deus, eu não peguei mesmo! Eu acabei apresentando tudo e fazendo.

Bem, quando eu acabei o primeiro dia, a minha primeira apresentação, eu desmontei o meu cenário e entrei no banheiro para tirar a maquiagem, tirar tudo. Eu virei e falei assim: “- Olha, eu estou com a sensação que eu tinha quando saía de uma apresentação presencial, no palco. Eu ia para lá e sentia isso. Eu joguei toda a minha energia para aquelas pessoas ali no *WhatsApp*. Eu não estava me assistindo, mas

sim fazendo junto com eles". Porque quando a gente faz uma gravação, o ator está se vendo também no momento. E isso não acontece no teatro, porque o ator está fazendo. Eu estava fazendo. Eu senti. Tive frio na barriga. Me deu uma sensação boa. Saí feliz. Passei uma mensagem. O público ali participou daquilo. Então, eu pensei: "- Olha, eu estou fazendo. Para mim, isso aqui é o neteatro". Eu me resolvi. "- Eu faço teatro. Eu vou ao teatro para viver novas experiências. Para poder viver conflitos de outras personagens".

Todos os pontos que eu levo em consideração, do que era importante para eu fazer teatro, eu tinha. Só o último que não. [Lê novamente em seu livro] "- Vou ao teatro para sair de casa e ver gente!". Esse não, dos pontos que eu coloco no livro. Eu não saía de casa, mas eu via gente. Então, eu via gente. Só sair de casa que não. De todos os pontos que para mim eram importantes para fazer teatro, só um que não dava certo. Eu falei: "- Peraí! [Lê de novo o seu livro]" "Eu vou ao teatro para ver, ao vivo, um drama acontecendo em minha frente, em que eu, de certo modo, estou interagindo e construindo e respirando junto. Vou para aprender, para me transformar, me sensibilizar, para ver o mundo por outros olhares, para rir, para me emocionar". Tudo estava ali. Eu falei: "- Gente, não vou reclamar, vou fazer e essa é a palavrinha que vou usar. Podem fazer aí o gravado, a transmissão, o diabo a quatro, o que quiserem, mas me deixa quieto fazendo o meu, o que eu chamo de neteatro. E não pense que eu estou criticando o seu. E como se cada um soubesse onde é que vai e o que é que precisa. Então, quando eu falo assim, do jeito que estou falando aqui, dentro de um grupo de pesquisa, eu sei que um monte de gente arrepia. "- Ah, o Júnior não sei o quê!". Só que eu estou num momento também, gente, oh... [Bate as mãos, fazendo um gesto de não se importar com o que os outros dizem ou pensam]... Arrepia pra lá. É justamente pensarmos no seguinte: foram dois anos e meio que eu vivi enquanto artista. Eu tenho que valorizar e ter gratidão por isso. Eu poderia não estar aqui.

Apresentei o "Chá Comigo", depois veio o "Yalla, go!" Formal para plataforma. Como que eu trabalhei ele para outros palcos web? Por que diferentemente, como a gente tem o teatro de rua, de palco, de arena, de semiarena. No virtual é a mesma coisa. Eu não posso apresentar só para uma transmissão para ter visualizações, sendo que, presencialmente, eu apresento algo para pouca gente porque o meu espaço é alternativo. Eu não posso pegar um teatro de rua e jogar no palco, e vice-versa. Então, eu não posso pegar algo que é do *WhatsApp*, de qualquer jeito, e jogar numa *live*. Ou pegar alguma coisa de uma *live* e jogar no *Zoom*. E por aí vai. Eu tenho que saber aonde estou me apresentando. Tipo *Instagram*. O povo fala: "- Ah, faz o *Instagram*". E eu: "- Não. No *Instagram* o povo entra e sai na hora que quer". No meu, vai entrar e sair somente quem eu estou vendo ali. Ele sai na hora que quiser. Mas, entrar, não. Ele tem a hora de entrar, para acompanhar. Não vai entrar chutando porta. No teatro eu não aceitava a pessoa entrar no meio do trabalho e chutar a porta. Então, eu falei: "- Aqui também não. Cê pode sair". E o virtual deixou isso mais claro: "Como que as pessoas saem mesmo! E se elas pudessem, no presencial, elas sairiam, gente!" Muitas pessoas não estão gostando do que a gente está fazendo. E levanta e vai embora. Mas quando estamos presencialmente, elas não têm coragem. São poucos que levantam e vão embora. Agora, no virtual, a coisa é tão mais assim, aberta, que ela vai lá... E caiu, sumiu! Eu mesmo já caí de vários. Fui lá e pum! Caí! Só que eu caí de propósito. Então, isso acontece.

E aí, onde é que eu chego? Deixe-me colocar aqui uma imagem. [Neste momento, o professor compartilha a imagem de uma personagem].

Imagem 1: A personagem libanesa Zahara, ao fundo.



Print de tela de Luciano Oliveira

Esta é uma das minhas personagens. É uma cena da Zahara fazendo ao vivo. E aí, o que é que acontece? Nesse ponto é a gente pensar: como artista, qual é a minha função? [Enquanto Júnior fala, o vídeo da Zahara continua a passar no fundo da tela, em silêncio]. Eu tô contribuindo, buscando fazer dentro daquilo que tenho de ferramenta. Se a minha ferramenta é, vai ser... Eu falo: “- O artista, desde que o mundo é mundo, vai trabalhar com o barro, com a argila, com a cerâmica. Com o que ele tiver. Dependendo do lugar que ele está, trabalha com o que tiver”. Nós também vamos evoluindo, melhorando. Ou talvez, também, a revolução pode chegar ao fracasso. A Torre de Babel evoluiu tanto, que *Allah* foi lá e a derrubou. Pode ser que essa revolução que estamos fazendo, ela pode “chegar” e ser derrubada lá na frente. Ninguém sabe. Mas, é nesse processo, que eu me coloquei. Eu falei assim: “- Eu vou experimentar, ao vivo, com todos os riscos que aquilo ali tem, para eu ter a sensação de que estou fazendo teatro, para eu ter a sensação de estar no presente e daquelas pessoas estarem ali”. Agora, a linguagem, a questão de olhar no computador, no celular, ou querer ou não ver, a história ser chata, ou eu interpretar mal, ou qualquer coisa acontecer ali, aí é outra história. Mas que tem... “O que aconteceu ali, gente?” [Neste instante, o vídeo da Zahara para e aparece uma foto de uma mulher].

Imagem 2: Uma mulher desconhecida invade a cena.



Fonte: Print de tela

“- Vocês estão me ouvindo?” [O professor continua sua fala, mas, agora, sem nenhuma imagem sendo apresentada. Luciano responde que estamos ouvindo-o]. Então, assim, que eu sei que tem muito netespectador por aí, tem! Os *youtubers* sabem muito bem disso. Eles dão aula para nós. Os *youtubers* sabem muito bem o que é ter seguidores e o que é ter cancelamentos. E a gente não estava acostumado com isso. Não estávamos acostumados com seguidores e muito menos com cancelamentos. E agora, a gente se depara com essa história toda, com o mundo virtual. A gente se depara com isso. Então, nesse livro [mostra o livro novamente], eu vou trazer... Eu nem vou compartilhar aqui, assim, esse livro, não, eu vou mandar ele aí, e já tem, só para gente pensar. Para mim, nesse momento, foi um momento de produção e de experimentação. E nesse processo eu consegui fazer cinco trabalhos: o próprio trabalho de adaptação que, no meu processo, eu chamo alguns de adaptação e outros de criação. Por que adaptação? O “Tabule”, por exemplo. O espetáculo “Tabule” eu o adaptei para “A casa caiu”. Era um velório, presencialmente. Aí, eu adaptei, e fiz um velório virtual. Então, era um velório em que a personagem contava ao público a vida dela, a sua trajetória. Eu usei a explosão no porto de Beirute, que aconteceu na época, e eu apresentei esse trabalho como se fosse um velório *online*. E era um drama da vida *online*. É um drama da vida *online*! Eu coloco no livro, por exemplo: “- Que drama encenar?”. Eu prefiro escolher o drama da vida real. Da vida real, *online*, do jeito que ela é. Que é um drama *online*. Tinha velório, *online*? Tinha. Tinham despedidas *online*, pelo *WhatsApp*? Tinham. As pessoas estavam se despedindo dos entes queridos delas pelo *WhatsApp*, naqueles hospitais. Então, é trazer para a cena isso. Como é que eu vou discutir com o meu netespectador? “Tem quarta parede?” Eu me perguntava. “Vai ter quarta parede esse trabalho? Eu vou olhar para a câmera ou eu vou fazer uma cena aqui de lado? Tem *flashback* do passado? Como é que eu vou fazer? Então, eu falo assim: “- Ah, eu vou fazer um passado”. Aí, na hora de fazer um *flashback* do passado, aí eu ia lá e fazia... [Neste momento, o professor muda a cor da sua tela para preto e branca e olha para o lado esquerdo].

Imagem 3: exemplo de *flashback*

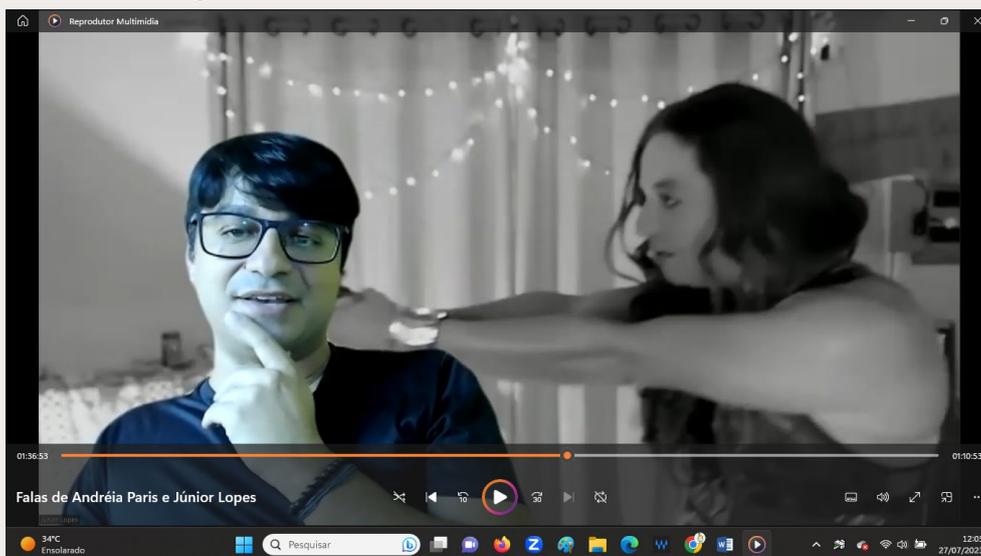


Fonte: Print de tela de Luciano Oliveira

Mudava de cor e apresentava tudo aqui e tal. E, depois, eu voltava para cá [muda a cor da tela para colorida, novamente] e acabou. Nessa situação, de pensar [a imagem do professor começa a travar e a pixelizar-se] como é que eu vou relacionar com esse meu netespectador, com isso aqui, e como eu vou criar para esse ambiente. O “Chá comigo”, pelo *WhatsApp*; o “Yalla, go!” versão mais ampla para mais

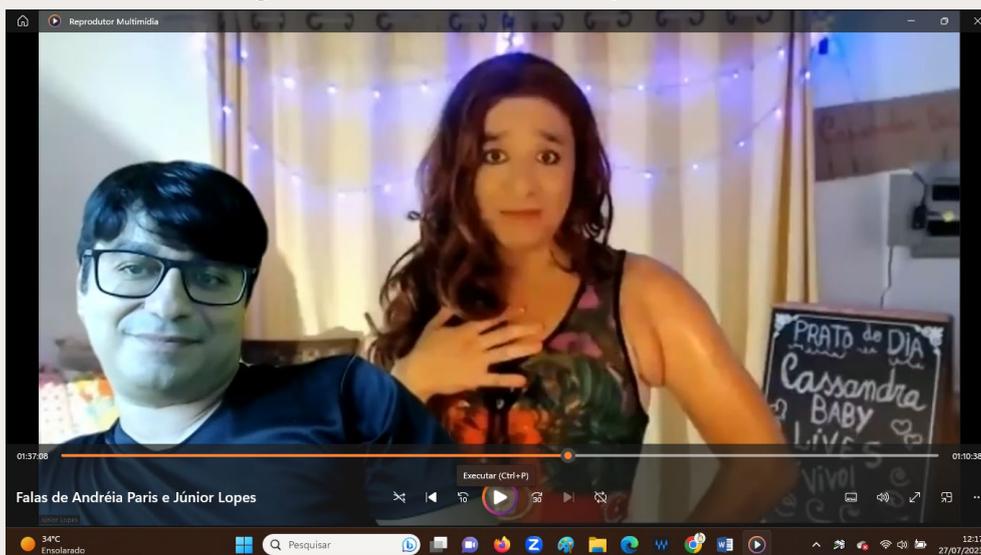
gente; o “Tabule”, “A casa caiu”, esses três com a mesma personagem, com a Zahara, mas em situações diferentes. Os textos também estão aqui no livro. E o “Cassandra, lives no presídio”, que foi baseado num presencial que fiz chamado “Cassandra, BR-trans-amazônica”, que era uma travesti. Ela era “liberada” uma vez por semana para apresentar o seu show nos seus palcos da vida. Ela saía do presídio e apresentava no teatro. E o que que eu fiz de adaptação? Ela fazia o quê? Tudo bem, ela era liberada com seu celularzinho, com seu computador e com uma salinha com conexão *internet* para apresentar o drama dela a *live*. Então, era uma “trans-missão amazônica”. Esse era a Cassandra. [O professor compartilha uma imagem do rosto da Cassandra num teatro, sendo assistida pelo público]. Estou passando as fotos para vocês verem, aí atrás. Elas são das cenas mesmo.

Imagem 4: *Flashback* de Cassandra com um revólver em mãos.



Fonte: Print da tela

Imagem 5 e 6: Cassandra no espaço cênico: num bar.





Fonte: Prints da tela

Todos esses trabalhos foram monólogos. Esse vídeo que está passando aí atrás agora é da própria apresentação. Eu fiz uns vídeos curtos e a edição. Mas eu fiz a experiência, pela Lei Aldir Blanc também, que foi “Refugiados Show”, com o Grupo Peripécias. Nós tínhamos esse trabalho no presencial, que nós chamávamos de “Cartas de Refúgio, Refuja-se daqui”. E o que nós fizemos? Montamos um show, ao vivo, onde refugiados mandavam cartas para um programa de televisão, um programa sensacionalista, e esse programa tinha atores que interpretavam as cartas dos refugiados. Também foi apresentado ao vivo. Nós tínhamos cinco atores em cena e mais três refugiados. Refugiados mesmo, um da Angola, um da Venezuela e um da Síria. Eles trouxeram cartas para gente e, então, fazíamos a apresentação ao vivo. Todos os ensaios foram feitos virtualmente. Eu não encontrei com eles nenhuma vez, não encontrei com os meninos para nada. Tudo foi feito no virtual. Aqui no livro eu também coloco “como ensaiar virtualmente”, eu trago os exercícios.

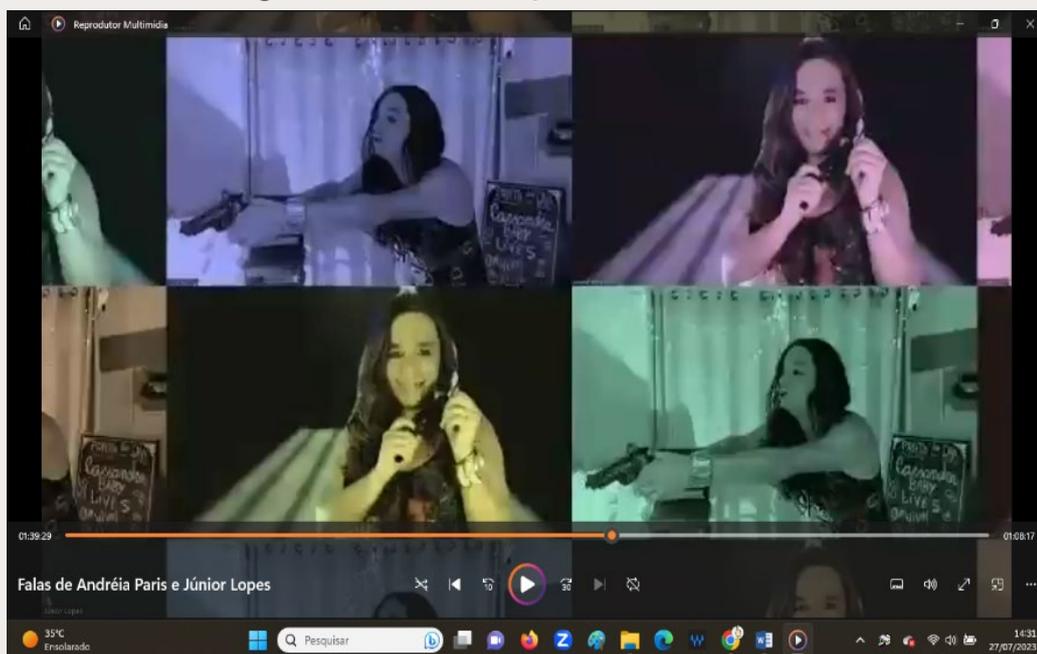
Tudo que está neste livrinho, que é bem simples, numa linguagem bem do povo, são os registros desses processos, que realmente aconteceram. Não tem nada do tipo: “- Eu acho que isso daria certo!”. Não. Eu peguei tudo o que a gente fez, os erros e os acertos, e coloquei aqui, nesse livro. Inclusive, o texto. Então, para fechar a minha fala, eu coloco para vocês aqui, que o primeiro passo... Oh, uma cena de passado aí, esse do fundo. Ela traz uma quebra de quarta parede e está em preto e branco. Olha lá! Vai me dar um tiro, né? Eu vou sair da cena. [O professor sai e deixa somente as imagens do vídeo na tela]

Imagens 7: uma cena do passado de Cassandra.



Fonte: Print da tela

Figura 8: uma cena do passado de Cassandra



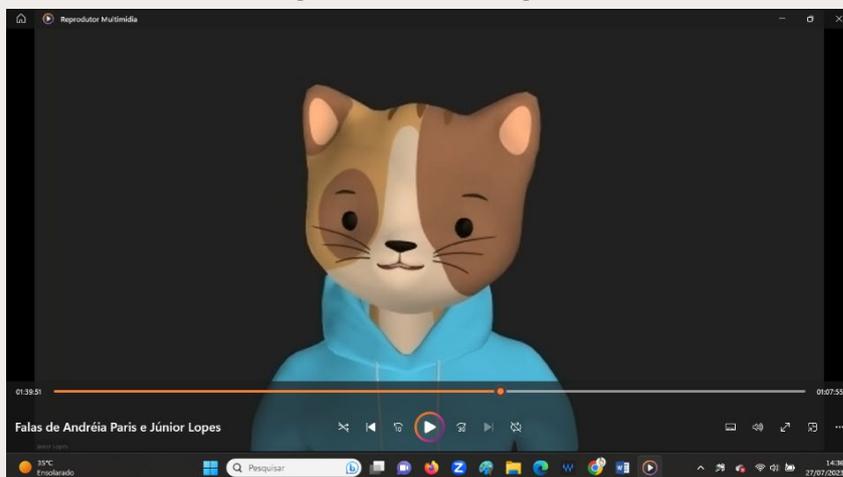
Fonte: Print da tela

[Voltando à cena]. Bem, então, pessoal... Deixa eu parar de compartilhar esse fundo, esse *background*. Agora, eu vou colocar um avatar para falar [o avatar fala, concomitantemente, enquanto o professor enuncia as palavras para vocês, para finalizar. Ele mexe a cabecinha, a língua, oh! [mostra a língua], movimentada. Eu quero dizer para vocês que eu estou muito satisfeito com esses processos porque me tiraram da zona de conforto. Me deu outra possibilidade de experimentar coisas que eu nunca imaginei que estaria fazendo.

E o que acontece? Eu tô aqui, hoje, com esse livrinho, no *Paky'Op*, trazendo essas possibilidades de experimentação, realmente, que ocorreram. E o livro vem com esse registro. E, agora, a pergunta é: "- Eu

estou a fim de voltar para o palco presencial?” “- Neste momento, não!” “- Por quê?” “- Porque eu estou envolvido nessa pesquisa que está me tomando o tempo, em que eu sinto que eu sou fazedor e artista tal qual uma nova possibilidade”. Eu tenho essa característica: fiz a graduação numa coisa, o mestrado em outra, o doutorado em outra. Fiz pesquisa indígena e, depois, mudei para o Oriente Médio. Estou no Oriente Médio e nesta aqui, o Neteatro. Então, gente, acho que para mim... Deixe-me tirar o avatar.

Imagem 9: Avatar de gatinho



Fonte: Print da tela

Esse avatarzinho é ótimo para apresentar infantil. Em adulto pesado também é bom botar um avatarzinho. Para fechar, quero dizer que, neste momento, o Itaú Cultural está apresentando um seminário da internet 3.0, sobre Metaverso e sobre as Artes no Metaverso. Estão falando sobre dança, sobre teatro, música e companhia limitada. Para mim, a gente vai ter, essa é a minha visão, a partir do momento que a gente entra numa coisa, a gente não larga. A gente melhora ela. Então, a gente vai ter presencial e virtual, a gente vai ter as duas coisas conectadas... O Luciano, por exemplo, o trabalho dele, em “Inimigos do Povo”, já tinha, porque eram muitos vídeos, muita conexão com o virtual que já estava rolando ali, muitos depoimentos. Então, tinha um presencial e um virtual rolando dentro da estética desse espetáculo. Então, agora a gente pode ter a estética do virtual no presencial, com vídeo, gravando e tudo. E assim: “- Vamos sair das caixinhas! Cada um faz o que quiser. Se não está confortável, muda o nome e fala que está fazendo outra coisa; que foi a saída que eu encontrei para o que estou falando, que é o Neteatro, e não brigar com o povo que está fazendo outra coisa”. É isso! Muito obrigado, gente.